

# *Memorial de Maria Moura:* documentos de processo

*Marlene Gomes Mendes*

## **Resumo**

*Os manuscritos do romance Memorial de Maria Moura: campanhas de redação. As funções da rasura.*

*Palavras-chave: Rachel de Queiróz; manuscritos; rasura.*

"Esta minha história que estou bolando agora, é de uma velha, a ancestral de todas as cangaceiras do mundo. Então eu botei o nome nela de Moura".

Rachel de Queiróz

Para que serve trazer à luz os rascunhos e anotações de um escritor? Almuth Grésillon<sup>1</sup> diz que uma das tarefas do geneticista é tornar disponíveis, acessíveis e legíveis os documentos autógrafos, hoje apenas peças de arquivo, mas que um dia contribuirão para a elaboração de um texto e são seus testemunhos materiais.

Os documentos de processo, conservando suas especificidades e somados aos textos impressos, enriquecem a análise. Os estudos literários passam a incorporar um objetivo para além dos limites da obra publicada: a sua escritura.

Manter inalteradas as tecnologias da escrita, da reprodução e da conservação do texto assegura ao pesquisador, ao preparador do texto crítico e ao geneticista, a eficácia de seu trabalho, quer como arqueólogo do documento, quer como terapeuta do texto.

Ao entregar à editora os originais de seu último romance, *Memorial de Maria Moura*, Rachel de Queiroz nos confiou a guarda dos documentos de processo do livro, ou seja, os registros materiais desse processo criador, que hoje constituem, no Instituto de Letras da UFF, um primeiro arquivo literário. Uma agenda, de 1986, e cerca de dois mil fólios, tamanho carta, com o logotipo da Academia Brasileira de Letras compõem esse arquivo, além dos manuscritos de *Andira*, livro infantil, e um caderno em que se encontra uma primeira campanha de redação de *Dôra, Doralina*.

De junho de 1988 – quando o romance ainda estava em processo de gestação – até 22 de fevereiro de 1992, às 11.20 da manhã, conforme registro que se lê na última página do livro, quando a autora deu por encerrada a sua criação, a escritura passou por várias etapas.

A propósito de seu processo de criação, Rachel de Queiroz, em entrevista, relata: "primeiro tomo notas, em geral, à mão, num caderno, em pedaços de papel solto, que vou organizando. São meros apontamentos, quase taquigráficos. Aí então, faço o primeiro texto, diretamente à máquina, consultando aquelas notas. Em cima desse primeiro texto datilografado é que eu faço as grandes correções. Findo esse trabalho, início o segundo texto que nem sempre obedece fielmente ao primeiro".

Acompanhando os passos de Rachel, pudemos identificar o caminho percorrido para a composição do *Memorial*: a agenda seria o "caderno"; um envelope, intitulado "Esboços", com folhas anotadas, desenhos, plantas, os "pedaços de papel solto"; "o primeiro texto" e os que se lhe seguem são os manuscritos que ocupam os fólios, datiloscritos, com rasuras autógrafas.

### Agenda e Esboços

Na agenda, com anotações autógrafas em páginas nem sempre sequenciais, encontram-se alinhavados os primeiros pensamentos, o

<sup>1</sup> Les silences du manuscrit. *Anais do II Encontro de Edição Crítica e Crítica Genética*. São Paulo: USP, s/d, p. 89.

ainda não dito, esboço de personagens e ambientes, listas de antropônimos e topônimos para posteriores opções. Ligeira sinopse da história – quando ainda quase nada está decidido – interrompida depois de escrever apenas cinco linhas, indagações que coloca a si própria, dúvidas e mais dúvidas. Inicialmente, a personagem principal seria uma “viúva magra, alta”, teria amantes, filhos e filhas casados. Sucedem-se as questões: o padre/beato, “irmão leigo fugido de convento?” Em que figura religiosa buscaria inspiração para compor seu personagem: “Frei Damião? Padre Cícero?” e o nome – “Frei Romano? Beato Romano”? Ao decidir, sublinha a escolha.

Anotações sobre qual seria o comportamento das mulheres em relação aos homens, as personagens femininas seriam “amazonas”, que teriam o poder, usariam os homens “no trabalho, como procriadores?”. E anota: “Criar a expressão o homem do uso”.

O rol de nomes próprios é longo embora não tenham sido utilizados muitos deles. Indecisa entre Paulino e Irineu, Mariana e Marialva, Rafael e Duarte, Firmina e Firma, só escolhe em outra etapa da escritura. Diversamente, os topônimos são mantidos.

Nas folhas, dentro do envelope denominado “Esboços”, desenhos autógrafos da Casa Forte da Moura, com detalhes de seu interior e documentos de terceiros, com respostas a consultas. Preocupada com a possibilidade de cometer anacronismos, uma vez que o romance é ambientado nos anos de 1830, Rachel pede ajuda a amigos e conhecedores de assuntos nos quais não se sente segura: aparecimento de determinadas palavras na língua portuguesa, uso e descrição de armas, moedas da época, horário de refeições, remédios caseiros, etc.

### Manuscritos

Acondicionados em pastas, os manuscritos foram, inicialmente, analisados e classificados por uma equipe de quatro bolsistas de Iniciação Científica, do CNPq e da FAPERJ, sob minha orientação, de acordo com as campanhas de redação que pudemos depreender.

A primeira versão, a que chamamos manuscrito A, apresenta mais de uma etapa de escritura e das três versões, é a mais rasurada. Datiloscrito em espaço 3, esta lição preenche cerca de 300 fólios, numerados em algarismos ora arábicos ora romanos. O texto se caracteriza pela escrita corrida, rápida, observada nas falhas tipográficas. A rasura, que deixa perceber a lição subjacente, é feita com o “X” da máquina, sobre o segmento a ser substituído ou suprimido.

Numa segunda etapa, com o papel fora da máquina, as rasuras autógrafas, com caneta de ponta grossa, às vezes ocupando frente e verso, indicam substituições, acréscimos, deslocamentos. São acrescentadas várias folhas, com indicação alfa-numérica. O recurso de remeter ao verso da folha, através de setas com caneta de outra cor, é bastante usado. Nota-se que há urgência de passar para o papel as idéias que se atropelam, daí não haver ainda grande preocupação com

o mais legível, o mais correto, o que só virá em outra campanha, quando “passar a limpo”, no dizer da própria autora.

O manuscrito B, um segundo datiloscrito, que seria a cópia da primeira versão, ainda bastante rasurado, caracteriza mais algumas etapas da reescritura, e ocupa cerca de 400 fólios, também com inserção de folhas autógrafas. Os títulos capitulares surgem nesta lição, em que cada um deles recebe o nome do personagem-narrador.

No terceiro datiloscrito, manuscrito C, a autora ainda continua rasurando o texto, mais uma vez passado a limpo, sempre em busca do termo mais adequado, da melhor forma. São agora quase 750 fólios, e pela primeira vez é usado o corretor.

Uma nova cópia, ainda com rasuras, constituirá o original, que segue para a editora, com 686 fólios.

### A rasura

Almuth Gréssillon diz que cada vez que o traço da rasura anula um signo escrito sem substituí-lo, o manuscrito mostra o silêncio, coloca-o literariamente em cena. Duas funções podem ser atribuídas à rasura: lembrar ao escritor que o que está rasurado pode ser utilizado em outro local e reduzir ao silêncio. No segundo caso, de três possibilidades – substituir, deslocar e apagar definitivamente – só a terceira cria, efetivamente o silêncio, fazendo com que o texto impresso não mantenha mais nenhum traço da unidade primitivamente escrita e depois suprimida. O manuscrito, no entanto, guarda a memória da rasura. O leitor do texto impresso não dispõe de nenhum traço material que indique o silêncio, enquanto que o geneticista encontra aí as marcas deixadas pelo autor.

As rasuras/silêncios que encontramos nos manuscritos constituem os espaços textuais mais importantes. A crítica literária ganha com o estudo dos significados presentes/ausentes, que são as rasuras.

Nos manuscritos de Rachel de Queiroz, substituições e acréscimos são as rasuras mais freqüentes. É rara a supressão pela supressão. O riscar tem sempre como objetivo a substituição, e muito poucas vezes a redução ao silêncio, àquele silêncio que, no manuscrito, traz a cor negra do luto, da perda.

### Concluindo

Há muito ainda por dizer dos manuscritos do *Memorial de Maria Moura*, mas o objetivo deste texto é apenas prestar uma homenagem póstuma à “grande dama do sertão”, com quem tivemos o privilégio de conviver em seus últimos anos e de quem recebemos este inestimável presente.

#### Abstract

*Memorial de Maria Moura manuscripts: stage of revisions. functions of erasure.*

Keywords: *Rachel de Queiroz; manuscripts; erasure.*